



O CONTO DE HISTÓRIA INFANTIL COMO FERRAMENTA NO PROCESSO DA CONSTRUÇÃO DA LÍNGUA ESCRITA: UMA EXPERIÊNCIA COM AS CRIANÇAS NO CENTRO EDUCATIVO DO MUNICÍPIO DE PARINTINS-AM

Stories for children as educational tool for the writing language process: An experience with the children at a educational center in the municipal of Parintins-Am

Keyciane de Souza Tavares¹

Elinara Ribeiro Teixeira²

Renata Caroline Ribeiro Damasceno³

Resumo: O presente estudo tem como objetivo fazer uma reflexão sobre a aquisição da linguagem escrita por meio do conto de uma história infantil com crianças do II Período da Educação Infantil, como prática da disciplina Pensamento e Linguagem da criança do Curso de Pedagogia UEA/ CESP. Trata-se de uma pesquisa desenvolvida em uma Escola da rede Municipal, localizada em uma área periférica da cidade de Parintins-Am. Fundamentamos nossos estudos em Dohme (2000), Ferreiro e Teberosky (1999), Kishimoto (2008), Rodrigues (2007) dentre outros. Centrado na abordagem qualitativa, método Fenomenológico e o procedimento utilizado foi à pesquisa-ação. O percurso metodológico que realizamos foi por meio de uma pesquisa de campo. Para a coleta de dados, utilizamos as técnicas de observação direta e anotações no diário de campo. Os resultados obtidos foram bastante significativos, uma vez que possibilitaram conhecer um pouco de como é a metodologia utilizada pela professora possibilitando a escrita.

Palavras chave: Criança, História Infantil, Aquisição da Língua Escrita.

Abstract: The purpose of this work is to bring a reflection about the acquisition of written language through a story for children with Elementary school students, as practice of the subject "Thinking and Language of Child" at the undergraduate course in Pedagogy UEA/CESP. It is a research carried out at a city school, located at a peripheral area of the city of Parintins-Am. We based our studies on Dohme (2000), Ferreiro and Teberosky (1999), Kishimoto (2008), Rodrigues (2007) among others. This work has a qualitative approach with a phenomenological method and following action-research procedure. We conducted the methodological course through a field research. Data collection was through direct observation techniques and annotations in field diaries. The results obtained were very significant, once it became possible to know a few more of the methodology used by the teacher.

Keywords: Child, Story for Children, Acquisition of Written Language.

Como citar este artigo: TAVARES, K. S.; TEIXEIRA, E. R.; DAMASCENO, R. C. R. O Conto de História Infantil como ferramenta no processo da construção da Língua Escrita: uma experiência com as crianças no Centro Educativo do Município de Parintins - Am. **Areté - Revista Amazônica de Ensino de Ciências**, Manaus, v.9, n.20, p. 116–123, Número especial, 2016.

¹ Graduanda em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas – UEA/CESP. Parintins, Amazonas, Brasil. E-mail: keycianetavares@gmail.com

² Graduanda em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas – UEA/CESP. Parintins, Amazonas, Brasil. E-mail: elynara.rb@hotmail.com

³ Graduanda em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas – UEA/CESP. Parintins, Amazonas, Brasil. E-mail: rcrd.ped@gmail.com

Introdução

A escrita surge como forma de sobrevivência para uma melhor comunicação dos seres humanos, pois as primeiras inscrições eram feitas por meio de desenhos que visavam reproduzir de forma simplificada os conceitos ou coisas a serem representadas. Com isso, mesmo a criança não sabendo bem a escrita, a hipótese tem um sentido para ela, que muitas vezes não é compreendida pelos professores.

O presente trabalho tem como objetivo fazer uma reflexão acerca do desenvolvimento da aquisição da linguagem escrita e suas implicações nas práticas pedagógicas no Centro Educativo Nossa Senhora das Graças. É interessante citar este Centro, uma vez que ele tem como objetivo de oferecer oportunidade de valorização das potencialidades, experiências e expectativas, no sentido de proporcionar às crianças e adolescentes um lugar alternativo, capaz de oportunizar a inserção destes na sociedade. Por tratar-se de bairro periférico da cidade, a instituição visa contribuir com a vida social das crianças.

Diante disso, buscou-se conhecer a dinâmica institucional do Centro, bem como, identificar a abordagem direcionada às crianças no seu processo de escrita, qual metodologia utilizada pela professora.

Portanto, falar sobre o tema nos remete a uma reflexão sobre o que a criança passa para aprender a ler e escrever, pois a linguagem escrita não está estagnada, e sim em processo de construção. Notou-se que a professora vai além do que é estabelecido, pois utiliza métodos que proporcionem as crianças melhor compreensão.

Aquisição da língua escrita: contribuições da Psicogênese da Língua Escrita

Falar da Psicogênese da Língua Escrita é debruçar-se sobre uma temática, que apesar de ser bastante debatida no campo educacional, muitos desconhecem o seu objetivo real no processo da escrita, muitas vezes por não conhecerem, acabam dando mais importância para o método de alfabetização tradicional, pois este é um processo de acumulação de informações transmitidas pelo professor e assimiladas de forma passiva pela criança.

Para Ferreiro e Teberosky (1999, p. 22) “Quaisquer que sejam as divergências entre os defensores do método sintético, o acordo sobre esse ponto de vista é total: inicialmente, a aprendizagem da leitura e da escrita é uma questão mecânica”, ou seja, a aprendizagem da leitura e da escrita não deve prender-se ao mecanismo e sim, o professor comprometido neste processo, deve buscar novas ferramentas educacionais para trabalhar no processo ensino-aprendizagem. Nesse sentido, trazemos o lúdico como um instrumento atrativo para as crianças por meio da contação de história.

A contação de história é uma atividade fundamental para o desenvolvimento não somente das competências linguísticas do ser humano, mas leva a criança a construir seus valores e pensamentos que partem do fictício ao real. Como afirma Rodrigues (2005, p. 4):

A contação de histórias é atividade própria de incentivo, à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real [...]. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real.

Com base nisso, percebemos a importância de trabalhar o conto na Educação Infantil, pois a ludicidade através de histórias contadas em diferentes formas, pode ser um excelente meio incentivador de auxílio à aprendizagem, tendo em vista, que nem sempre devem limitar-se somente àquelas que preveem o livro didático. Na história infantil, a criança aprende coisas boas, lida com frustrações, além de despertar a curiosidade e autonomia, proporcionando o desenvolvimento da linguagem oral e escrita.

Dohme (2000) ressalta a importância de trabalhar a contação de história com as crianças proporcionando o envolvimento com a narrativa, aguçando o imaginário e despertando as capacidades linguísticas.

Assim, compreendemos que é possível trabalhar a leitura e a escrita por meio da contação de história com as crianças da Educação Infantil, considerando que essa prática é significativa, sendo capaz de promover e enriquecer a aprendizagem da criança.

Procedimentos Metodológicos

Esta pesquisa é de natureza qualitativa, segundo Figueiredo (2008) trata-se de uma pesquisa que não trabalha com dados quantificáveis, mas direciona ao pesquisador o contexto do sujeito estudado. O método de procedimento utilizado foi à pesquisa-ação, cujo objetivo é a participação proposital dos pesquisadores em conjunto com os participantes, uma vez que tivemos contato direto com as crianças.

De acordo com Gil (2002) este método exige o envolvimento do pesquisador e a ação por parte das pessoas envolvidas no problema. As técnicas de pesquisa foram documentação direta intensiva, pois para este estudo foram utilizados instrumentos de observação participante por meio do caderno de campo e entrevista indireta.

As técnicas de coleta de dados foram feitas por meio da Oficina de conto e reconto da história “Os Três Porquinhos”, realizada no Centro Educativo Nossa Senhora das Graças.

Os sujeitos da pesquisa foram 22 crianças, destas escolhemos aleatoriamente 09 que participaram direta e indiretamente das atividades propostas, sendo denominadas pelos nomes fictícios de Lindinha (05 anos), Florzinha (05 anos), Docinho (05 anos), Ben 10 (05 anos) e Minion (05 anos); as pesquisadoras foram identificadas como Frozen (27 anos), Jasmine (20 anos) e Branca de Neve (20 anos); e a professora como Ana (42 anos).

Para Kramer (2002, p. 47) “mencionar as crianças pelas iniciais ou as primeiras letras do seu nome, [...] negava a sua condição de sujeitos [...] tornou-se necessário, em muitas situações, usar nomes fictícios”. Considerando a ética e o sigilo profissional na pesquisa científica, procurou-se utilizar neste trabalho nomes fictícios para a professora, alunos e pesquisadoras.

Resultados e Discussão

Para que pudéssemos compreender como ocorre o desenvolvimento de aquisição da linguagem escrita com as crianças do II Período da Educação Infantil, no Centro Educativo Nossa Senhora das Graças buscamos acompanhar as aulas e desenvolver atividades que despertassem nas crianças um olhar reflexivo sobre a

aquisição da escrita, com intuito de investigar em que nível alfabético elas encontram-se.

Nesse sentido, percebemos que a professora dispõe de metodologias diferenciadas para trabalhar na Educação Infantil, em sala de aula, existem rodas de conversa, onde são discutidos músicas, textos e histórias, onde as crianças são convidadas para fazer suas análises. Conforme a professora Ana (2016):

Antes aqui no Centro tínhamos dificuldades com algumas crianças que vinham de outras escolas, hoje adotamos o texto fatiado e trabalhamos em cima de músicas e histórias, do texto eu retiro uma palavra e posso trabalhar várias coisas através do quadro analítico, elas não precisam necessariamente sair daqui lendo e escrevendo, mas elas sabem identificar vogais, consoantes e sílabas (NOTAS DE CAMPO, 2016).

É notório afirmar que apesar de as crianças ainda estarem no II Período da Educação Infantil, elas possuem habilidades desenvolvidas para tal série. Durante as observações pudemos perceber que de fato a metodologia adotada pela professora, facilita a aprendizagem das crianças, estas tem como auxílio o alfabeto móvel, que para ela possui grande importância nesse processo educativo.

Oficina de história: Os três porquinhos

O primeiro momento da atividade foi o conto da história, onde as crianças foram organizadas em roda de conversa, as pesquisadoras foram à frente da turma e apresentaram o conto de maneira lúdica, com auxílio do dedoche. No desenvolvimento da atividade, o interesse e participação das crianças são evidentes, estas demonstraram atenção, sem dúvidas buscar novas ferramentas para a contação de histórias faz com que as crianças sintam-se motivadas. Para Dohme (2000, p. 5) “as histórias são um ‘abra-te sésamo’ para o imaginário, onde a realidade e a fantasia se sobrepõem”. As histórias infantis levam a crianças a construir seus valores e pensamentos que partem do fictício ao real, é nítido acreditarmos que os contos feitos de maneira atrativa despertam a curiosidade das crianças, como fica evidente na (Fig. 1).



Figura 1: Contação de história
Fonte: TEIXEIRA, 2016.

Ao final do conto, percebemos que a forma do contar dando ênfase à figura dos personagens fez com que as crianças rissem e sentissem motivadas. Desta forma, a criança através da recreação está descobrindo-se, recriando possíveis relações

entre ela “criança” e a história. O contar foi tão atrativo que muitas habilitaram-se a recontar, algumas deram nomes para os porquinhos, outras deram diferentes fins para o conto. Vejamos a versão de Florzinha (Fig. 2):



Figura 2: Contação de história em dedoche.
Fonte: TAVARES, 2016.

Os três porquinhos! O primeiro porquinho “fazeu” uma casa de palha e depois o lobo disse assim: - Porquinho abra sua porta, senão eu sopro. Eu não vou abrir. Depois o lobo pareceu os porquinhos ficou olhando e o lobo assoprou e derrubou a casa do porquinho. Aí veio o segundo porquinho “fazeu” a casa de madeira e o lobo derrubou de novo. Aí o terceiro porquinho “fazeu” uma casa de tijolo aí o lobo ele falou: - porquinho abra sua porta. O porquinho disse que não vai abrir a sua porta. Ele soprou, assoprou aí ele foi aqui e não derrubou. E depois o lobo foi correndo e depois o porquinho ficou muito feliz (FLORZINHA, 05 anos/2016).

Conforme a fala de Florzinha (Fig. 2), podemos perceber que mesmo ainda não tendo domínio da leitura, ela faz sua própria interpretação de acordo com as imagens contidas no dedoche. Há também o posicionamento de Lindinha “[...] Professora o segundo porquinho nem “fazeu” a casa de madeira, “fazeu” de galho de árvore”.

Ben 10 (Fig. 3) pegou o livro e contou para suas coleguinhas e criou um final diferente para a história “[...] o lobo subiu na chaminé e caiu no fogo que queimou o bumbum dele”.



Figura 03: Contação de história entre as crianças
Fonte: TAVARES, 2016.

É nítido afirmar que as histórias infantis mexem com o imaginário das crianças. Nessa concepção Vygotsky (1994) alega que primeiramente a criança compõe uma situação imaginária, depois relaciona com a realidade. Podemos afirmar que a criança através da recreação está descobrindo-se, recriando possíveis relações entre ela “criança” e a história. Para Kishimoto (2008, p. 52) “[...] na criança a imaginação criadora, surge em forma de jogo, instrumento primeiro de pensamento no enfrentamento da realidade.” A ludicidade possui papel fundamental nesse processo, por contribuir com o desenvolvimento pessoal e escolar das crianças.

Em seguida, fizemos uma socialização referente ao conto, o que nos permitiu ter um bom diálogo com as crianças. É surpreendente como cada criança interpreta, algumas fazem comparação com a realidade “- *Eu moro numa casa de madeira.*” (alegou uma criança). “- *A minha casa é de madeira e de tijolo*” (ressaltou outra criança).

Na concepção de Rodrigues (2007) acredita-se que antes da criança adentrar a pré-escola, ela já traz consigo uma bagagem de hipóteses formuladas, referentes ao que ela acredita ser a escrita. Mesmo ela não sabendo bem a escrita, a hipótese tem um sentido para ela, é importante dar valor para o que a criança faz, não podendo haver um bloqueio, o professor deve inseri-la nesse meio social.

Diante disso, retiramos as crianças da sala de aula e distribuimos materiais para elas escreverem as palavras que mais chamaram atenção no conto, afim de que atingíssemos nossos objetivos. Perguntamos quais foram às palavras que mais chamaram atenção e aleatoriamente disseram: *três porquinhos, lobo, casa, palha, madeira, tijolo, chaminé e feliz.* Em seguida as crianças escreviam livremente.

Dessa forma, pudemos verificar em que nível de aquisição da escrita às crianças estão, é evidente o cuidado que elas possuem na hora de escrever e procuram fazer tudo direitinho. Voltamos a discutir sobre o conto e a importância da escrita, as crianças sempre relacionam o conto com a vida real.

No II período da Educação Infantil, as crianças ainda não possuem domínio da leitura e a escrita ainda está em processo de construção, mas fazem suas associações de acordo com as letras ou sílabas, conforme este diálogo entre pesquisadora e crianças.

Florzinha (05 anos): - *Professora, eu já sei escrever madeira, a mamãe tem um monte de livros lá em casa.*

Docinho (05 anos): - *Eu sei como é... M de macaco, A de abelha, D de dado, E de elefante, I de índio, R de rato, A de abelha.*

Jasmine (20 anos): - *E como ficou Docinho?* (Ela apenas riu).

Ben 10 (05 anos): - *Mas eu não sei fazer isso [...]*

Jasmine (20 anos): - *Isso o quê Ben 10?*

Ben 10 (05 anos): - *Isso com M de melancia, só sei escrever essa de P.*

Jasmine (20 anos): - *Palha ou porquinho?*

Ben 10 (05 anos): - *Ei professora! Não é palia?* (NOTAS DE CAMPO/2016)

No decorrer dessa atividade, o que pudemos observar é que nem todos possuem o mesmo domínio da língua escrita, alguns apresentam dificuldades e outros não. Mas de modo geral, a turma é bem avançada, por estarem na Educação Infantil e terem noções silábicas. As crianças o tempo todo mostravam-se participativas,

questionavam, relatavam seus conhecimentos trazidos de casa e nos apresentavam suas experiências através da escrita, como mostra a (Fig. 4).



Figura 4: Escrita da criança
Fonte: Minion, 2016.

Ao finalizarmos a pesquisa realizada no Centro Educativo Nossa Senhora das Graças, ficou evidente que o papel do professor é fundamental para o desenvolvimento das habilidades linguísticas, nos debruçamos nas palavras de Libâneo (2002, p. 6) “o papel do professor é criar condições de estudo dentro da sala de aula, buscando incentivar o aluno a fim que estes se tornem sujeitos ativos da própria aprendizagem, desenvolvendo suas capacidades e habilidades mentais”.

Diante disso, podemos afirmar que a experiência vivenciada com as crianças do II período não nos remeteu a dificuldades, a professora dispõe de metodologias diversificadas que busca ir além do que é estabelecido pelo sistema de ensino. Facilitando assim, não somente a aprendizagem das crianças, como também o trabalho do pesquisador.

Considerações Finais

Os conhecimentos têm uma origem e as crianças tornam-se leitoras até antes mesmo de ser. No início de sua aprendizagem, elas estão sujeitas, dependendo do meio que está inserida, as práticas baseadas em memorização de som e cópias, tornando-as expectadoras passivas ou receptivas mecânicas. Antes mesmo que a criança domine os códigos linguísticos, ela passa por etapas, cabe ao professor, como mediador nesse processo, respeitar sua evolução e compreender que, tendo um desempenho devagar, não a torna menos inteligente, aceitar que a criança também pode errar.

É importante que o professor veja a escrita como um ponto de partida para a construção do conhecimento da criança, cada uma em suas particularidades. Sem dúvidas, a experiência vivenciada com as crianças do II período da Educação Infantil foi significativa, pois mostrou a realidade que cada criança encontra neste processo, dependendo da metodologia utilizada pelo professor é que podemos obter melhores resultados.

Com isso, buscar novas ferramentas faz com que as aulas sejam mais atrativas, saindo do sintetismo baseada numa aprendizagem mecânica para uma aprendizagem diversificada, reflexiva e significativa.

Referências

- DOHME, V. **Técnica de contar histórias**: um guia para desenvolver as suas habilidades e sucesso na apresentação de uma história. 3 ed. São Paulo: Informal, 2000.
- FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. trad. Diana Myriam Lichtenstein, Liana Di Marco e Mário Corso. – Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999
- FIGUEIREDO, N. M. A. **Método e metodologia na pesquisa científica**. 3 ed. São Caetano do Sul, SP: Yendis Editorial, 2008.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed, São Paulo: Atlas, 2012.
- KRAMER, S. **Autoria e autorização**: Questões éticas na pesquisa com crianças. In: Cadernos de Pesquisa, n. 116, julho/ 2002.
- KISHIMOTO, T. M. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. Tizuko Morchida (Org.). 11 ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- LIBÂNEO. J. C. **Didática**: Velhos e Novos Temas. Ed. do Autor. Maio 2002.
- RODRIGUES, E. B. T. **Cultura, arte e contação de histórias**. Goiânia, 2005.
- RODRIGUES, A. C. S. **Aquisição da linguagem oral e escrita**. Canoas: Universidade Luterana do Brasil, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Pró-Reitoria de Ensino a Distância, 2007.
- VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 5 ed. J. Cipolla Neto, Trad.. São Paulo, SP: Martins, 1994.